

A educação formal no meio rural

Rosângela Zoccal e José Alberto Bastos Portugal

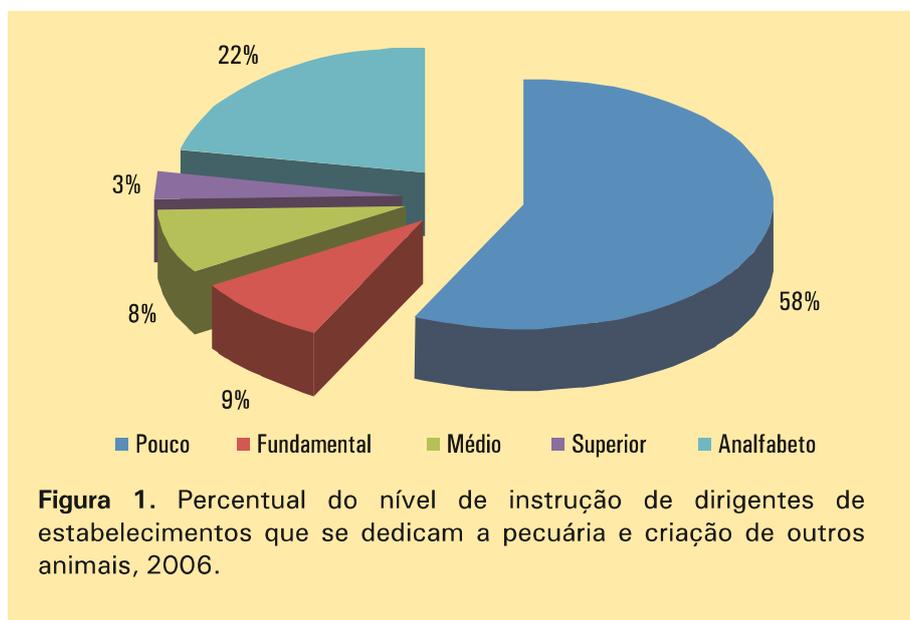
A atividade leiteira ocorre em 195 países no mundo, de acordo com informações disponibilizadas pela FAO, com volume aproximado de 585 bilhões de quilos de leite anuais. Pelos dados é possível avaliar, também, a grande variação dos sistemas de produção utilizados, as constantes taxas de crescimento e a especialização da atividade.

Não só na atividade leiteira, mas em quase todas as áreas do agronegócio, a incorporação de tecnologias e de inovações é grande, tornando os sistemas cada vez mais produtivos, eficientes, sustentáveis e competitivos. Esse fato ocorre em vários países do mundo e principalmente no Brasil, onde o agronegócio tem uma importância indiscutível.

Conhecimento, inovação e tecnologia são os fatores diferenciais para o crescimento e o desenvolvimento econômico e social. A capacidade de geração, difusão e utilização do conhecimento define um perfil de habilidades e qualificação profissional e de especialização dos sistemas de produção. Para se enquadrar dentro desse perfil, é preciso que o produtor invista no desenvolvimento contínuo de suas competências, seja pela formação, buscando a elevação de escolaridade; ou pelo aperfeiçoamento, por meio de capacitação técnica.

Diante das mudanças que ocorrem em todos os setores, os dados do Censo Agropecuário de 2006 refletem uma situação interessante e preocupante para ser avaliada. São dados de cinco anos atrás, porém não ocorreram fatos novos no país, que pudessem provocar uma mudança significativa que impossibilitem avaliar a educação formal de pessoas que trabalham no meio rural. Considerando a forma de disponibilização dos dados na base do IBGE, não foi possível caracterizar exclusivamente o grau de instrução de produtores de leite, mas sim de pessoas que dirigem os estabelecimentos rurais que se dedicam à pecuária e criação de animais.

Na Figura 1 estão os percentuais do nível de instrução dos dirigentes de estabelecimentos rurais. A maioria das pessoas, 57%, tem pouca instrução. Neste grupo de pouca instrução, estão os que não tiveram alfabetização formal, mas sabem ler e escrever, os que receberam alfabetização depois de adulto e os que ingressaram no ensino fundamental, mas não concluíram.



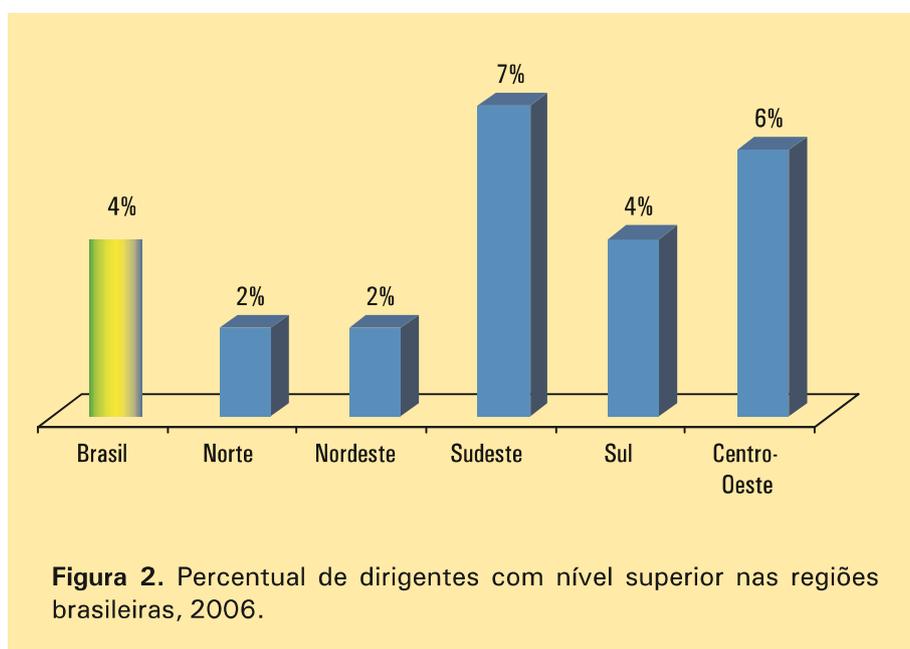


As pessoas que se declararam analfabetas formam um grupo que somam 22% do total. No todo, 79% dos dirigentes de estabelecimentos pecuários tiveram pouca ou nenhuma instrução. Os que concluíram o ensino fundamental somam 9% e os de ensino médio ou segundo grau completo são 8% do total. Neste grupo estão incluídas as pessoas que realizaram cursos profissionalizantes, como técnico agrícola. O menor grupo de dirigentes, 4%, são os que possuem curso superior, como agronomia, zootecnia, medicina veterinária ou outra formação superior.

Entre as regiões brasileiras, o nível de instrução não difere muito, exceto no número de analfabetos do Nordeste, que atinge 39,1%. O Sul tem o maior percentual de pessoas com pouca instrução formal, 65% do total da região. Na Figura 2 estão os percentuais de pessoas com instrução superior, observa-se que o percentual de dirigentes de estabelecimentos, com nível superior, seja ele de ciências agrárias ou não, são maiores nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste.

No Brasil existem 2,2 milhões de pessoas que têm sob sua responsabilidade a condução de sistemas de produção que se dedicam a atividade leiteira, de corte ou ainda a criação de outros animais. Estima-se que desse total, 1,3 milhões de profissionais estejam de alguma forma vinculados à produção de leite. Ainda assim, transpor o cenário geral do grau de instrução formal para o grupo de produtores de leite exige prudência, apesar de que estudos mais pontuais da cadeia do leite, realizado em vários estados brasileiros, indicam a mesma tendência, ou seja, predominância de um baixo grau de escolaridade ou de instrução dos produtores de leite.

Este cenário deve remeter a uma profunda reflexão acerca da importância de investimentos públicos e privados na educação formal dos brasileiros. Mais do que isso é preciso repensar a efetividade dos programas de Governo já direcionados para a formação escolar. Estar dotado de um nível de conhecimento mínimo é um ponto básico de qualidade de vida, de inserção social e, no âmbito profissional, da capacidade de aplicar as tecnologias disponibilizadas para a pecuária de leite.





Para a cadeia produtiva do leite, para as instituições de pesquisa e extensão rural, a falta de conhecimento torna-se um grande desafio, principalmente para a indústria de lácteos que depende de uma matéria prima de qualidade, que a cada dia se moderniza e cria mecanismos de fortalecimento para enfrentar o mercado internacional, e que tem na sua base centenas de produtores com pequena capacidade de absorver as mudanças que estão ocorrendo não só País, mas no mundo.

Os olhos do mundo estão se voltando para um Brasil agropecuário, com empresas e produtores interessados nas nossas condições climáticas e de mercado consumidor. O que ocorrerá com os pequenos produtores de leite, que devem apreender e aplicar o conhecimento e se transformar em produtor empresário e inovador? Este desafio não é dos líderes, de instituições ou empresas vinculadas ao agronegócio do leite, é do País, dos governantes e dos brasileiros.